***EXPERIMENTUM LINGUAE*: EXPERIÊNCIA DA LINGUAGEM E ABERTURA DA HISTÓRIA EM WALTER BENJAMIN**

Frederico Menezes Brandão, UFG

fredericomenezesbrandao@gmail.com

**RESUMO**

Este ensaio visa contemplar a relação entre história e linguagem sob à luz da filosofia crítica de Walter Benjamin; no conjunto dessa articulação situaremos nossa reflexão em torno da relação existente entre alguns textos, como o ensaio “Sobre o programa da filosofia vindoura”, e a sua tese de doutoramento, “O conceito de crítica de arte no romantismo alemão”. Nossa hipótese é de que há um ‘fio condutor’ entre estes dois textos de juventude que apontam para uma prática de escrita experimental, presente no conjunto de sua obra, e que congrega crítica da modernidade e filosofia da linguagem. Trata-se assim, de caracterizar alguns conceitos que se articulam na teoria da linguagem benjaminiana, mas não para arranjá-los em formas acabadas de interpretação, e sim para projetar um horizonte da configuração de ideias qual foram concebidas. Para tanto, a comunicação consistirá na breve apresentação do projeto benjaminiano de uma *filosofia crítica da história* em três níveis de sua obra: a reflexão sobre a linguagem, o anseio por uma renovação epistemológica e a potencialidade da crítica histórica na linguagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem, História, Modernidade, Experimentação.

**Linguagem e História**

A obra do filósofo e crítico berlinense Walter Benjamin é objeto de constante recepção em diveros campos do saber, tendo como uma de suas características centrais o fato de sempre suscitar debates contemporâneos. No cerne desta afirmação podemos situar o caráter abrangente da produção de Benjamin, que sempre fora um pensador *limiar*, algo que confere indelével atualidade ao seu trabalho. Entre esses limiares se colocam suas reflexões sobre a história, expressas desde os escritos de juventude, como em *Sobre o Programa da filosofia vindoura* de 1918, e manifestas ao longo de toda sua obra, passando pela tese de livre docência sobre o “drama barroco” alemão (escrito entre 1924 e 1925, publicado em 1928), pelos inacabados ensaios sobre o poeta Charles Baudelaire (produzidos a partir de 1938) e o projeto das *Passagens* (iniciado no fim dos anos 1920 e desenvolvido entre 1932 e 1934), culminando no póstumo *Sobre o conceito de história* de 1940.

Walter Benjamin refletia diretamente sobre o campo da história, muito embora não fosse historiador de formação e nem possua textos em que esta seja o seu objeto fundamental. Em sua filosofia, a história aparece mais como um fio condutor, mais como problemática do que como tema; ele utiliza a história como entre-lugar, como *passagem*.

Em Benjamin, pensar a história implica buscar uma concepção de tempo diversa daquela sustentada pelo o que ele chama de “historicismo vulgar” e de “historiografia progressista”. O pressuposto comum a ambos é a sustentação de uma falsa imagem de totalidade apoiada na continuidade e que por não pertencer ao domínio da história autêntica e da verdade “[e]scapa a ela os pontos em que a tradição se interrompe [...]” [N 9a, 5] (BENJAMIN, 2006, p. 516). Desse modo, para o pensador alemão, cabe ao historiador o seu desvelamento (da interrupção) e sua apresentação na história pelo que se manifesta na descontinuidade e no alheamento: a linguagem.

O já citado texto de 1918 expressa a ideia do estabelecimento de um conceito de experiência fundamentado não sobre as égides dos paradigmas das ciências naturais ou da física moderna e sim numa reflexão sobre a linguagem (MACHADO, 2013). Benjamin estava preocupado com a tenacidade do sistema kantiano em constituir experiência e a sua relação com o conhecimento sob a forma de um modelo empírico-científico. Para ele, Kant deixa de lado o teor metafísico mais valioso e profundo, que pode ser encontrado “para além dos limites da epistemologia”. (BENJAMIN, 2000, pp. 103-104). Benjamin ainda considera que um modelo de experiência fundado sobre uma filosofia da linguagem possibilitaria a abertura de âmbitos do conhecimento distintos e inexplorados. No interior desta reflexão sobre a linguagem, ao lado da religião, ele situa a história.

Na dissertação sobre o “drama barroco” (BENJAMIN, 1984) evidenciamos a prática de tal filosofia da linguagem. Sob a forma de uma densa discussão estética e epistemológica, a história aparece como fazendo parte do instrumental teórico-metodológico que sustenta sua hipótese: a abordagem monadológica do *trauerspiel* propicia uma imagem daquele período. Benjamin pôde perceber (BOLLE, 1998), que os teores históricos do contexto absolutista representados em tais dramas vinculavam-se aos teores históricos de seu tempo, o período da República de Weimar[[1]](#footnote-1).

No ciclo das *Passagens* (BENJAMIN, 2006) vários temas são articulados – a moda, as estações ferroviárias, o colecionador, o *flâneur* – e interpretados enquanto categorias históricas e expressões de linguagem, constituindo o projeto de uma montagem material da história do século XIX.

Como um último exemplo, e talvez o mais emblemático, temos o escrito das “teses” *Sobre o conceito de história* (BENJAMIN, 2005). Apesar desse título, este é um texto caracterizado eminentemente pelo seu teor de crítica política. Trata-se da mobilização de elementos aparentemente distintos (teologia e materialismo, por exemplo), a fim de advertir sobre os infortúnios que decorreriam da concepção progressista da história, sustentada tanto pelao marxismo de matiz ortodoxa quanto pelas práticas políticas adotadas pela social-democracia alemã que, mediante uso de um discurso reformista, provocara o conformismo na classe operária e nesse contexto de incertezas e inflexibilidade é que desponta o partido nacional socialista.

 É neste sentido que podemos situar o esforço intelectual empreendido por Benjamin na superação da concepção de tempo homogêneo apoiado no “progresso da história”, como podemos encontrar na tese XVI: “O Historicismo arma a imagem ‘eterna’ do passado, o materialista histórico, uma experiência com o passado que se firma aí única” (BENJAMIN, 2005, p. 128). Pois, faz-se necessário resistir à propensão de considerar o passado sob a perspectiva do fechado e do realizado. É preciso reabrir o passsado e retomar suas potencialidades, e o caminho que torna isso possível é o de uma reflexão sobre a linguagem.

 Os quatro textos apresentados sumariamente acima, denotam a pluralidade do trabalho de Walter Benjamin, o seu constante ziguezague entre limiares e fronteiras diversas, no sentido de reunir a proposta de uma crítica e de uma filosofia da história, que caminhem em direção oposta à universalidade enredada no âmago da modernidade e do *Aufklärung*. São, sobretudo, as considerações acerca da linguagem e daí sua *passagem* pelo campo da história, que orientam Benjamin na organização de uma filosofia renovada.

Posto que a obra de Benjamin transita entre limiares, faz-se necessário o estabelecimento de um modo de abordagem específico dos textos-fontes. A proposta é de apresentar a possibilidade de pensar a teoria da história a partir da filosofia da linguagem de Walter Benjamin, mais precisamente partindo da sua teoria da narração. Para tanto, tenciona-se debruçar sobre algumas noções fundamentais, que tem como eixo comum a crítica benjaminiana da modernidade. As três noções fundamentais para a teoria da narração, e por conseguinte, para uma teoria da história em Benjamin são: “experiência” (*Erfahrung*), “alegoria” (*Allegorie*) e “tempo-de-agora” (*Jetztzeit*).

O objetivo deste ensaio é apresentar o papel que, segundo Benjamin, estas *imagens* desempenham na experiência da construção narrativa. Intérpretes como Jeanne M. Gagnebin, já relacionaram a noção de experiência à prática da escrita da história, que nas suas palavras perpassa “a ideia de que uma reconstrução da ‘Erfahrung’ deveria ser acompanhada de uma nova forma de narratividade” (GAGNEBIN, 1994b, p. 09).

Há de se notar, portanto, a resoluta relação entre linguagem, história e escrita presente no interior da filosofia de Benjamin e que podemos estudá-la partindo de algumas imagens já citadas.

***Experimentum linguae*: A degradação da experiência na modernidade**

Na filosofia de Benjamin a história é construída na medida em que é narrada, narrar a história é construir a história; neste processo o sujeito se constitui no próprio ato da narração. A característica central dessa filosofia reside na renúncia da concepção progressista de marcha histórica e no estabelecimento de uma relação crítica com o passado, capaz de romper com o pressuposto teleológico-evolutivo que sustenta um conceito de história estagnador. Segundo Jürgen Habermas (2000, p. 20), a renúncia benjaminiana “dirige-se a uma tal degeneração da consciência de tempo da modernidade, aberta ao futuro.

 Onde o progresso coagula, tornando-se norma histórica, é eliminada da relação do presente com o futuro a qualidade do novo, a ênfase no começo imprevisível”. Tocamos aqui, na questão da experiência do tempo e da maneira que ela incide sobre as nossas concepções de história e na linguagem que as configuram.

Este debate perpassa as críticas de Benjamin à ideologia do progresso e elas assumem um ponto significativo para o debate aqui proposto. Um dado já antes informado, mas que devemos retomar, é o de que tanto os discursos pertencentes a “historiografia burguesa”, quanto a “historiografia progressista”, obedecem à um pressuposto comum e que sustentam uma falsa imagem de totalidade apoiada na continuidade, a saber: a concepção de tempo vazio. Este, por sua vez, preenchido pelo mito do progresso, engendra uma tradição narrativa excludente, que leva em conta somente os “grandes atos” e os “vencedores”. Diante desta perspectiva, Benjamin insurge contra tal degeneração da consciência de tempo, concentrada no futuro, e postula a noção do *jetztzeit*, o “tempo-de-agora” ou “tempo-presente”.

Tal reinvindicação do agora subjaz a crítica da noção de progresso e das condições de possibilidade da linguagem que lhes são próprias. Benjamin quer “salvar” o passado no presente rejeitando a propensão ao futuro que tem como via a visão de progresso. Em textos dos anos 1930, como em *O Narrador* (BENJAMIN, 1994), ou ainda nos ensaios sobre Kafka, podemos observar o desenvolvimento de uma teoria benjaminiana da narração no sentido de se afirmar como contraposta à ideologia do progresso: a forma narrativa característica desse contexto d eperda da experiêcia, defendida por WB, injeta força sobre a vida prática na medida em que é destituída de sua profusão de sentido[[2]](#footnote-2), promovendo assim, a abertura da história. A “questão do sentido traz a necessidade de concluir, de pôr um fim na história” (GAGNEBIN, 1994b, pp. 14-15).

O tipo de narrativa tradicional caracteriza-se pelo aspecto da abertura, do seu inacabamento, enquanto que a narrativa na modernidade apresenta um caráter findado, que força a admissão de um sentido ao narrado (como por exemplo no romance). Na abertura se inscrevem as possibilidades, inclusive as possibilidades relacionadas à práxis política. Algo de substancial ao pensar a teoria da história em Benjamin, e que não pode-se perder de vista, é que a problemática de escrever e de narrar a “história remete às questões mais amplas da prática política” (GAGNEBIN, 1994b, p. 07).

Remontando mais uma vez às “teses”, uma das críticas explícita na tese XII, tem por alvo o conformismo estagnador da ação revolucionária, suscitado pela concepção social-democrata de tempo linear e cíclico, que tem um sentido correlato à ideologia do progresso. O reformismo defendido por Friedrich Ebert e Philipp Scheidemann – líderes do partido Social Democrata Alemão – e sua postura antirrevolucionária, propositora de alianças e estratégias de controle dos sindicatos, seriam prova da atitude desleal do partido em relação à massa operária (LOUREIRO, 2005). Em outras palavras, os social-democratas seriam traidores da causa socialista, pois, a situação alemã de agravante crise econômica e a fome que assolava a população seria resultado de uma política sem sustentação, que deu margens para a emergência do movimento nacional-socialista.

O partido social-democrata, ao lançar mão do discurso reformista, provocou o conformismo na classe operária, estagnando o campo de ação dos trabalhadores e suas pontencialidades revolucionárias, minando assim o seu horizonte de expectativas, conferindo uma forma acabada àqueles eventos históricos[[3]](#footnote-3). Dessa forma e nesse contexto de inflexibilidade dos jogos políticos, o partido nacional socialista surgiu e posteriormente estabeleceu-se no poder. Para Benjamin, trata-se de romper com tal estagnação conformista, suscitada pela social-democracia e que se sustenta na concepção progressista da história.

Se quisermos responder à pergunta de em que consiste a noção de progresso à qual Benjamin se opõe, é necessária a retomada destes temas políticos e, para além, temos de nos remeter a alguns pressupostos, não somente da sua filosofia da linguagem, mas de sua análise da modernidade. É no desenvolvimento de uma “teoria crítica da modernidade” que Benjamin procura atestar os conceitos de sua filosofia da linguagem.

Partindo da articulação das noções de *Erfahrung* e *Allegorie*[[4]](#footnote-4) é possível constatar a pobreza do homem moderno, sitiado por sua existência privada (intensificação da vivência – *erlebnis*) e pela solidão. Neste sentido, “[a] experiência se torna definitivamente problemática e a sua possibilidade depende de uma construção vinculada à escrita” (MURICY, 1998, p. 184). A escrita, por sua vez, vincula-se ao ato de transmissão da experiência, que, em face de seu atrofiamento, a impossibilidade do narrar e de tão logo transmitir, desemboca na utilização de uma forma alegórica, a única possível num contexto fragmentário.

Em *A Origem do Drama Barroco Alemão*, a *Allegorie* surge enquanto categoria fundamental para a construção de uma teoria da narração. Nas obras dos autores barrocos analisadas, Benjamin constatou que o recurso à alegoria era empregado como expressão de uma “falta de sentido” associada a uma existência pautada na morte e no pecado. Ela seria ainda, o efeito da fragmentariedade identitária do sujeito moderno, incapaz de construir sua própria narrativa.

A alegoria “cava um túmulo tríplice: o do sujeito clássico que podia ainda afirmar uma identidade coerente de si mesmo e que, agora, vacila e se desfaz; o dos objetos que não são mais depositários de estabilidade [...]; enfim, o do processo mesmo de significação” (GAGNEBIN, 1994b, p. 46). Nesta mesma perspectiva, Benjamin também atribui um contorno alegórico à própria história, enquanto “processo mesmo de significação”.

Ele enxerga nas sociedades modernas o terreno desolado da experiência. Na medida em que o capitalismo industrial se desenvolve, empregando massivamente a instrumentalização técnica, faz sucumbir a transmissão, a troca, das experiências humanas. “Esta perda da experiência comunicável acarreta o divórcio entre os interesses interiores do homem e os de sua vida coletiva” (MURICY, 1998, p. 188). Tal é o indivíduo isolado, solitário, aquele indivíduo caracterítico da expressão literária que, segundo Benjamin marca o declínio da narrativa: o romance.

Observamos aqui a amplitude e importância da noção de experiência, situando-se no centro da reflexão e mediando as noções de linguagem e de tempo na construção de uma crítica ao projeto moderno, por sua vez liderado pela imagem ininterrupta do progresso.

O historiador dos conceitos Reinhart Koselleck (2006), em seus estudos sobre semântica histórica e tempo histórico, inseriu na historiografia das últimas quatro décadas, duas categorias que em grande medida oportunizam a compreensão do que se convencionou chamar de modernidade: *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa*. Seu pressuposto geral é de que a *Neuzeit* (modernidade) tem início ou, de modo mais expressivo, obtém condições de se auto-compreender assim, uma vez que transcorre o gradual apartamento entre horizonte de expectativa e espaço de experiência.

 Há uma sobreposição das expectativas e desse modo, um afastamento das experiências até então reunidas (KOSELLECK, 2006, p. 282ss). À luz dessa consideração é possível compreender a modernidade como uma época radicalmente orientada para o futuro. A tradição, que caracteriza o espaço de experiência, é gradativamente renunciada em detrimento da novidade, das promessas deste novo tempo. Ademais, partindo desta cisão entre a tradição e o novo, é que nascera a consciência moderna da “história em movimento” (KOSELLECK, 2006, pp. 287-288).

Partindo do par de categorias *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa*, a reflexão sobre a modernidade proposta por Koselleck pode nos encaminhar ao compreendimento do ponto o qual parte a crítica de Benjamin à filosofia da história de matiz hegeliana. De um lado, há a renúncia do passado à sombra do depreciativo “idade das trevas” e o culto aos “novos tempos”, o que imperiosamente acarreta um estreitamento do campo da experiência, dado que as expectativas agora valorizadas como preceito para normatização da ação vão muito além do já realizado. Em contrapartida, o horizonte de expectativa passa a se orientar gradativamente por um futuro impreciso.

Esta constatação levou Benjamin a verificar que tal condição nos lança frente a um abismo, situado entre as expectativas puramente utópicas (crença no progresso) e um passado consumado (declínio da experiência). Abismo este que é a fonte do conformismo, o principal adversário da nova consciência histórica proposta por Benjamin. Contra a atrofia da experiência o passado deve se reavivado.

**Considerações finais: Abertura da história**

“Re-avivar” o passado no presente, esta é a sua proposta: seu ponto de partida, no entanto, seria através da restauração de uma experiência coletiva (*Erfahrung*) e pela transmissibilidade na linguagem. No conjunto dessa articulação, ele recorta a reflexão sobre a linguagem num sentido mais amplo, em torno da escrita. Dessa maneira, elege a literatura como ponto de partida na apresentação dos elementos que manifestam o declínio da experiência coletiva e o processo de alegorização, tal como as modificações em torno da figura do narrador.

Desse modo, a obra de Franz Kafka fora para Benjamin objeto de vívido interesse, sobre a qual este produziu dois ensaios. Um texto lido na rádio de Frankfurt, em janeiro de 1931, que foi posteriormente retomado no célebre ensaio de 1934, *Franz Kafka: A propósito do décimo aniversário de sua morte* (BENJAMIN, 1996). Em ambos os ensaios, Benjamin aponta diversos aspectos da escrita kafkiana porém, sem propor esquemas interpretativos. Em grande medida, ele critica duramente as interpretações teologizantes da obra de Kafka, mas no entanto, não apresenta nenhuma via sistemática alternativa, mantendo os textos em estado de abertura. O que mais chama a atenção de Benjamin nos contos e novelas kafkianas, e que podemos situar como nuclear em suas reflexões sobre a crise da experiência na modernidade, é o tema do *adiamento do sentido.*

No adiamento do sentido ou, para mais além, na sua suspensão, se inscrevem a abertura e as possibilidades. Esta ideia da abetura aparece essecialmente no texto das *teses*, em específico nas II, III e IV, quando Benjamin trata da (re)construção do passado empregando a categoria da redenção, a “esperança dos condenados”.

 É preciso, pois, ter esperança e reconhecer que a abertura se apresenta célere e furtiva, como um lampejo (tese V e VI). A abertura é expressa conforme o grau de narratividade, todavia, em decorrência da ausência de uma experiência comum (e logo, de uma memória comum) deparamo-nos com a suspensão do sentido – a alegorização. Houve uma alteração da transmissibilidade legada através da experiência.

Kafka desenvolve suas narrativas suspendendo o seu sentido e é este aspecto, que Benjamin reconhece como o grande contributo de sua obra e também expressão da engenhosidade do autor tcheco. A forma com que Kafka lida com a deformação no campo da *Erfahrung*, por meio da transmissão do fragmentário, lhe confere, segundo Benjamin, o aspecto de narrador tradicional – não interfere na narrativa e nem direciona a interpretação do leitor.

Nas primeiras linhas da novela *A metamorfose* (KAFKA, 2012, p.227), a estranha história do homem metamorfoseado em inseto,Gregor Samsa pergunta: “O que aconteceu comigo?” e o narrador prossegue categóricamente, para não nutrir expectativas aparentes: “Não era um sonho”; o narrador se limita a constatar a metamorfose, deixando de lado qualquer ironia ou explicação. Poderíamos ainda, chamar a atenção para o recurso que Kafka usa nesta novela, o foco narrativo. Não é o personagem-inseto quem conta a história, muito embora ela seja narada a partir da sua perspectiva.

Ainda sobre o adiamento do sentido e a transmissão do fagmentário, há um escrito de Kafka, *Uma mensagem imperial*, do qual Benjamin gostava particularmente. Ela é a narrativa que exemplifica a tentativa arruinada de transmissão da palavra e evidencia a moderna incapacidade de narrar, vale a pena sua citação completa:

O imperador – assim consta – enviou a você, o só, súdito lastimável, a minúscula sombra refugiada na mais remota distância diante o sol imperial, exatamente a você o imperador enviou do leito de morte uma mensagem. Fez o mensageiro se ajoelhar ao pé da cama e segredou-lhe a mensagem no ouvido; estava tão empenhado nela que o mandou ainda repeti-la no seu próprio ouvido. Com um aceno de cabeça confirmou a exatidão do que tinha sido dito. E perante todos os que assistem à sua morte – todas as paredes que impedem a vista foram derrubadas e nas amplas escadarias que se lançam ao alto os grandes do reino formam um círculo –, perante todos eles o imperador despachou o mensageiro. Este se pôs imediatamente em marcha; é um homem robusto, infatigável; estendendo ora um ora o outro braço, ele abra caminho na multidão; quando encontra resistência aponta para o peito onde está o símbolo do sol; avança fácil como nenhum outro. Mas a multidão é tão grande, suas moradas não têm fim. Fosse um campo livre que se abrisse, como ele voaria! – e certamente você logo ouviria a esplêndida batida dos seus punhos a porta. Ao invés disso porém – como são vãos os seus esforços; continua sempre forçando a passagem pelos aposentos do palácio mais interno; nunca irá ultrapassá-los; e se o conseguisse nada estaria ganho: teria de percorrer os pátios de ponta a ponta e depois dos pátios o segundo palácio que os circunda; e outra vez as escadas e pátios, e novamente um palácio; e assim por diante, durante milênios; e se afinal ele se precipitasse do mais externo dos portões – mas isso não pode acontecer jamais, jamais – só então ele teria diante de si a cidade-sede, o centro do mundo, repleto da própria borra amontoada. Aqui ninguém penetra; muito menos com a mensagem de um morto. – Você no entanto está sentado junto à janela e sonha com ela quando a noite chega. (KAFKA, 2012, p. 178)

Claro está, a incapacidade de se legar experiências, de legar a palavra, entretanto, ao final da narrativa, sugere-se que ao mesmo tempo, a deficiência na transmissão da palavra não aniquila o desejo de realizá-la, “Você no entanto está sentado junto à janela e sonha com ela quando a noite chega”. O sentido está suspenso, falta-nos o acesso a uma palavra comum. Como escreveu Jeanne M. Gagnebin (1994b, p. 18), “[p]oderíamos arriscar um paradoxo e dizer que a obra de Kafka, o maior ‘narrador’ moderno, segundo Benjamin, representa uma ‘experiência’ única: a da perda da experiência, da desagregação da tradição e do desaparecimento do sentido primordial”.

As narrativas de Kafka podem ser delineadas a partir de seu alcance crítico e deste seu caráter de abertura. Estes são sintomas da descrença no progresso e da consciência de uma falta a qual não se sabe como preencher. Benjamin e Kafka compartilham dessa descrença no progresso e partindo de tal perspectiva em comum o filósofo localizou a grandiosidade da obra kafkiana:

Kafka rola o bloco do processo histórico, como Sísifo rola seu rochedo. Nesse movimento, o lado de baixo desse bloco se torna visível. Não é um espetáculo agradável. Mas kafka consegue suportar essa visão. ‘Ter fé no progresso não significa julgar que o progresso já aconteceu. Isso não seria mais fé.’ A época em que ele vive não representa nenhum progresso com relação ao começo primordial. Seus romances se passam num lamaçal. (BENJAMIN, 1996, p. 155)

Desmistificando a crença no progresso, as narrativas de Kafka “se passam num lamaçal”, e considerando que a leitura de Benjamin valoriza a experiência histórica do autor podemos apontar que sua obra seria a mais indicada para aprendermos sobre a história do século XX[[5]](#footnote-5). O atrofiamento do sentido e o declínio da experiência característicos da modernidade criticada por Benjamin, são as imagens recorrentes nas alegorias de Kafka que nos permitem pensar a experiência de empenhar-se numa ação já fadada ao fracasso, como Sísifo ao rolar eternamente sua pedra.

Para Benjamin, trata-se de estipular uma escrita da história que leve em consideração a “corvéia sem nome” (BENJAMIN, p. 70, 2005) e seja capaz de estabelecer formas de transmissão da experiência coletiva pautadas numa concepção de “tempo-de-agora”, que rompa com a linearidade e com a noção de progresso. É neste tempo que se inscreve a possibilidade, a abertura. A força da literatura de Kafka se apresentaria neste sentido: de mobilizar elementos na linguagem literária, mesmo que de maneira alegórica, na esperança de manter praticável a transmissibilidade da experiência, ainda que aos fragmentos.

**Referências**

BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas. Vol. 1. Trad. S. P. Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense. 10ª reimpressão, 1996.

\_\_\_\_\_\_. *O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão.* Tradução de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1999.

\_\_\_\_\_\_. *Selected Writings, Vol I. (1913 - 1926).* Ed. Marcus Bullock e Michael Jennings. Tradução para o inglês: vários tradutores. Cambridgel London: The Belknap Press of Harvard Uuniversity Press, s.d.

\_\_\_\_\_\_. *Sobre a linguagem em geral e a linguagem do homem*. In: Escritos sobre mito e linguagem. Organização, apresentação e notas de Jeanne-Marie Gagnebin; tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34; Duas Cidades, 2011.

\_\_\_\_\_\_. *Teses “Sobre o conceito de história”.* Tradução de J. M. Gagnebin e Marcos L. Müller. In: LÖWY, M. Walter Benjamin: Aviso de incêndio. São Paulo: Boitempo, 2005.

GAGNEBIN, J. M. *Walter Benjamin ou a história aberta*, prefácio a Walter Benjamin, Obras escolhidas I. São Paulo, Brasiliense, 1994.

HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade: doze lições*. Tradução Luiz Sergio Repa. Rodnei Nascimento. São Paulo; Martins Fontes. 2000.

KAFKA, F. *Uma mensagem imperial.* In: Kafka Essencial*.* Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

KOSELLECK, R. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos.* Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

MACHADO, F. P. *Imagem e consciência da história: pensamento figurativo em Walter Benjamin;* Trad. Milron Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola. 2013.

MURICY, K. *Alegorias da Dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

1. Segundo Willi Bolle, tanto no trabalho das *Passagens* ou quanto em ensaios como *A Modernidade*, Benjamin define a época de Baudelaire - e por afinidade, sua própria - com uma metáfora barroca. Cf. BOLLE, W. *A modernidade como “Trauerspiel”. Representação da história em W. Benjamin, “Origem do drama barroco alemão”.* Revista de História USP, N. 119, pp. 43- 68. 1988. [↑](#footnote-ref-1)
2. É interessante, indicar aqui, a força das obras de dois autores fundamentais para Benjamin na constituição de seu pensamento: Kafka e Proust. A questão da destituição do sentido e mais além, à problemática do esquecimento, apóia-se na particularidade da prosa kafkiana. De outro lado, Benjamin retoma Proust ao remeter às questões da memória. Elegeremos para desenvolvimento de nosso texto, alguns fragmentos da obra de Kafka, visto que a partir dela temos condições de apontar os elementos que chamaram a atenção de Benjamin para sua crítica à modernidade e contribuíram para o desenvolvimento de uma teoria da narração. [↑](#footnote-ref-2)
3. Estamos nos referindo aos acontecimentos da Revolução Alemã de 1918. Cf. LOUREIRO, I. *A Revolução Alemã 1918- 1923*. – São Paulo: Editora UNESP, 2005. [↑](#footnote-ref-3)
4. “A prioridade dada à escrita, a partir do livro sobre o barroco e, principalmente, em razão de sua noção de alegoria, determinará a nova compreensão de experiência. Ela é agora objeto de uma *construção*. É esta compreensão que poderá representar uma alternativa para uma época que sofre o que Benjamin apresenta como derrocada geral da experiência, no contexto de sua análise da modernidade” (MURICY, 1998, p. 183). [↑](#footnote-ref-4)
5. Neste sentido, poderíamos citar ainda a novela *O processo* (KAFKA, 1982), que nos transmite com maestria a sensação de impotência e aflição do indivíduo frágil em face às instituições e ao curso da história: o mundo kafkiano, das chancelarias, dos departamentos burocráticos, da “Lei” e de seus personagens isolados, distantes e inatingíveis. [↑](#footnote-ref-5)